

ARTIGO

**DOMINAR SEM ATIRAR: O ESPORTE ENQUANTO FERRAMENTA  
DIPLOMÁTICA DE SOFT POWER**

**DOMINAR SIN DISPARAR: EL DEPORTE COMO HERRAMIENTA  
DIPLOMÁTICA DEL PODER SUAVE**

**DOMINATING WITHOUT SHOOTING: SPORT AS A DIPLOMATIC TOOL OF  
SOFT POWER**

---

Carlos de Almeida Campos<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho pretende abordar a relação existente entre o cenário político internacional das relações entre países e a utilização dos esportes enquanto ferramenta de promoção política e expansão cultural aquém das fronteiras nacionais. Não obstante, a metodologia revisionista qualitativa é utilizada com o intuito de esclarecer e explicar, baseando-nos no trabalho de pesquisadores da área, o conceito de *soft power* e suas principais implicações no cenário mundial. No entanto, apesar de haverem diversos exemplos históricos da utilização de uma 'segunda via' de poder para tentar manipular a imagem externa, diversos governos e regimes falharam com o passar do tempo. O esporte e a cobertura midiática criaram um fenômeno difícil de ser medido, entendido e compreendido quando avaliamos seu impacto em determinada sociedade.

**Palavras-chave:** *soft power*; Relações Internacionais; esporte; diplomacia pública.

**RESUMEN**

El presente trabajo pretende abordar la relación existente entre el escenario político internacional de las relaciones entre países y el uso del deporte como herramienta de promoción política y expansión cultural más allá de las fronteras nacionales. Sin embargo, se utiliza la metodología cualitativa revisionista para esclarecer y explicar, a partir del trabajo de investigadores del área, el concepto de poder blando y sus principales implicaciones en el escenario mundial. Sin embargo, aunque existen varios ejemplos históricos del uso de una 'segunda vía' de poder para tratar de manipular la imagen externa, varios gobiernos y regímenes han fracasado a lo largo del tiempo. El deporte y la cobertura

---

<sup>1</sup> Cientista Social graduado na Universidade Federal Fluminense. Email: [carloscampos@id.uff.br](mailto:carloscampos@id.uff.br)

mediática han creado un fenómeno que es difícil de medir, comprender y comprender a la hora de evaluar su impacto en una sociedad determinada.

Palabras clave: poder blando; Relaciones Internacionales; deporte; Diplomacia pública.

## ABSTRACT

There is an old notion that believes a country must show raw and brutal power on international diplomacy to establish power. This paper aims in understand the link between sports and its capability to promote ones culture and political values among other cultures and countrys. To support our theoretical framework, we use the soft power theory developed by Joseph Nye and its applicability in International Relations based on sports coverage. Nevertheless, we explore the historical examples of countries that have understood the importance of their cultural expansion - and consequent adoption - to achieve certain goals on the international stage.

**Keywords:** soft power, International Relationships; sports. Public diplomacy

## 1- INTRODUÇÃO

Antes do desenvolvimento da linguagem verbal, o homem primitivo se comunicava, majoritariamente, através de gestos, expressões faciais e grunhidos<sup>2</sup>. Portanto, desde os primórdios da nossa raça estamos utilizando o nosso corpo para nos comunicarmos a nível não-verbal seja individual ou coletivamente. Com o desenvolvimento da agricultura e o fim da necessidade de uma vida nômade, o ser humano se encontra no início de um estágio de sedentarização que tem por consequência o aumento do seu espaço ocioso. Sobrevém, assim, a concepção esportiva de competição onde a dinâmica social dos jogos criava, além de uma ordem social e moral, uma espécie de hierarquia de valores ético-sociais<sup>3</sup>.

A prática de competições atléticas na história humana registrada remonta desde a era da Antiguidade, onde os gregos já utilizavam as atividades atléticas como parte do treinamento militar simulando combates reais com humanos ou com animais no sentido da caça (MABILLARD, 2011). Não obstante, ainda era utilizado como ritual religioso para homenagear o

---

<sup>2</sup> Visto em: <<https://www.jrmcoaching.com.br/blog/historia-da-comunicacao-humana/>>. Acesso em 10 de Jul, 2023.

<sup>3</sup> Visto em: <<https://sites.google.com/site/historiaeducacaofisica/conteudos/o-esporte-olimpico-origem-e-evolucao/jogos-olimpicos-da-era-moderna/atividade-fisica-na-pre-historia>>. Acesso em 10 de Jul, 2023.

panteão do Olimpo. Aqui já é possível verificar os primeiros indícios da utilização do esporte enquanto ferramenta política: com os Jogos Olímpicos antigos, as cidades que compunham a Grécia suspendiam as hostilidades entre si e celebravam a paz nesses eventos (idem, *ibid*).

De forma bastante rasa, o *soft power* pode ser definido como o poder de fazer com que outros indivíduos tenham como desejo algo que você quer e, para tal, a persuasão e atração são as ferramentas para se atingir tal objetivo, ao invés da coerção direta ou indireta (NYE, 2004). Para exercitar o *soft power* os países utilizam-se de apoios econômicos e intercâmbios culturais como uma forma de expandir seu *soft power* que tem sua legitimidade apoiada na opinião pública favorável tanto no âmbito interno quanto no externo (idem, *ibid*). Dessa forma, então, os esportes e seus respectivos eventos se destacam na esfera dos intercâmbio cultural e, conseqüentemente, como fator importante na diplomacia pública entre nações.

O presente trabalho tem por objetivo lançar luz sobre a relação da prática esportiva com a diplomacia internacional, focando no papel do esporte enquanto ferramenta política diplomática sob a óptica da teoria de *soft power* desenvolvida pelo pesquisador Joseph Nye e amplamente utilizada na temática escolhida. Para tal, o desenvolvimento do mesmo será dividido em três partes: a primeira consistirá na exploração da corrente teórica escolhida, seguindo da exposição dos eventos e acontecimentos esportivos históricos que envolvem ou envolveram nações distintas, afluindo na análise desses eventos com a teoria adotada. Para que o objetivo geral do presente trabalho seja atingido, nos guiaremos pelos objetivos específicos a seguir: I) Desenvolver o entendimento sobre a teoria de *soft power*; II) Analisar os eventos esportivos com a prática da diplomacia pública pelos Estados; III) Correlacionar a teoria com os eventos esportivos que serão mencionados.

A importância desta pesquisa ficará evidente no desenvolvimento da mesma, visto que nossa história está abarrotada de momentos em que eventos esportivos serviram como mediadores de conflitos políticos entre nações, sendo imperativo analisar o vínculo entre esporte e diplomacia em diferentes períodos.

Para uma investigação criteriosa sobre a utilização do esporte por parte dos Estados enquanto ferramenta política diplomática, utilizamos neste artigo o método de estudo do tipo bibliográfico exploratório com abordagem qualitativa.

A abordagem qualitativa em uma pesquisa acadêmica pode ser explicada como a tentativa de se compreender os significados e características que o pesquisador se depara ao longo das situações que se apresentam na pesquisa, em detrimento da forma quantitativa, que ao nosso ver não é adequada ao tema desenvolvido neste presente trabalho (RICHARDSON, 2007). Para além disso, outros autores, como Terence e Filho (2006) também consideram a pesquisa qualitativa a alternativa ideal para se debruçar no objeto de estudo e estipular seus limites, afim de compreender os significados, características, comportamento e motivos quando se trata de um objeto de estudo intrinsecamente abstrato, tornando sem sentido e/ou possível sua quantificação.

Por sua vez, a pesquisa bibliográfica é, segundo Lakatos e Marconi (2007), o método primordial para o pesquisador, visto que não há como fundamentar um trabalho de pesquisa sem apresentar os argumentos, conceitos, opiniões e análises que a comunidade acadêmica desenvolve sobre o tema. Com esse levantamento bibliográfico, o pesquisador pode encontrar estudos desenvolvidos sobre o mesmo tema e/ou objeto e, então, avaliar a metodologia e discussão utilizados.

Portanto, o material que compõe a pesquisa bibliográfica é “constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet” (GIL, 1991, *apud* SILVA; MENEZES, 2005, p. 21). Outro ponto que consolida a pesquisa bibliográfica é ter contato com fontes utilizadas por outros pesquisadores, expandindo a qualidade do debate e desenvolvendo novas idéias e pontos de vista (VAVERKA; FENN, 2002; GARNER; ROBERTSON, 2002, *apud* MOREIRA, 2004, p. 24).

Após a delimitação dos objetivos, metodologia e problemática que norteiam o presente trabalho, podemos percorrer mais profundamente sobre a teoria de *soft power* analisando determinados eventos e fatos históricos do mundo esportivo que estão intimamente – ou intrinsecamente – ligados à diplomacia pública dos países antigos e/ou modernos.

## 2- SOFT POWER

Em outros períodos da história humana, as crises diplomáticas - seja por motivos políticos ou para obter-se recursos - entre países poderia ser resolvida com a ameaça militar e, em última instância, a força da guerra. As relações políticas do mundo contemporâneo tem um diferencial crucial se compararmos às relações políticas de outros séculos: um mundo cada vez mais interligado e interdependente pela tecnologia. Com o avanço da tecnologia, avança-se também o poder bélico de uma forma geral. Esse cenário internacional de dominação exclusivamente por poderio militar já não é mais factível, mesmo que a força militar ainda seja um fator relevante. O cenário do jogo mudou: as relações entre Estados pode ser comparada a um jogo de xadrez em três dimensões, onde os jogadores não conseguem mais ganhar jogando apenas de forma horizontal, mas devem sim fazer uso de outros tipos de poder mais verticais, como o *soft power* (NYE, 2004).

Mas o que é poder? Segundo Joseph Nye (2004) definição mais comum e simples de poder é a habilidade de conseguir os resultados que se deseja e, de forma mais específica, influenciar o comportamento de outrem se necessário para atingir esse resultado (idem, ibid). Mas como exercer essa influência? Dentro de um amplo espectro de opções, podemos citar a coerção física ou militar, influenciar através de grandes somas de dinheiro ou aliciar e atrair para que partilhem do mesmo desejo ou objetivo (idem, ibid). Segundo o autor (idem, ibid. pp. 2):

*Poder sempre depende do contexto em que a relação se dá. (...) Quando medimos poder em termos de mudar o comportamento de outros, nós precisamos primeiramente saber suas preferências. Senão podemos nos enganar sobre nosso poder assim como um galo que acredita que seu cacarejar faz o sol nascer<sup>4</sup>.*

Mas nossas heranças históricas ainda persistem. Joseph Nye (2004) afirma que diversos políticos e as pessoas comuns ainda definem poder como ter a capacidade ou recursos que possam influenciar nos resultados levando

---

<sup>4</sup> "Power always depends on the context in which the relationship exists. (...) When we measure power in terms of the changed behavior of others, we have first to know their preferences. Otherwise we may be as mistaken about our power as a rooster who thinks his crowing makes the sun rise.". Tradução nossa.

em consideração aspectos como tamanho populacional e geográfico de um país, a extensão de seus recursos naturais, força econômica e militar e etc. Ainda segundo o autor, apesar de ser mais concreta e mensurável, esse viés possui alguns problemas (idem, ibid. pp. 3) “Quando as pessoas definem o poder como sinônimo dos recursos que o produzem, às vezes encontram o paradoxo de que aqueles que são mais dotados de poder nem sempre obtêm os resultados desejados.<sup>5</sup>”.

Um Estado que preencha esses requisitos de poder nem sempre pode conseguir atingir os resultados que deseja no cenário internacional. Esses recursos anteriormente citados não são tão fungíveis como o dinheiro que pode ser substituído. O autor exemplifica essa questão com a Guerra do Vietnã. Mesmo os Estados Unidos possuindo um poderio econômico, militar e territorial superior ao Vietnã, o país saiu derrotado (NYE, 2004). O "tabuleiro de xadrez" das relações internacionais é muito mais complexo para ser jogado apenas com aspectos estáticos de poder como território, economia, militar e etc.

Esse modelo de poder, essa herança histórica de que um Estado é forte quando possui os recursos brutos para conseguir atingir seus objetivos é o que Joseph Nye chama de *hard power* que, obviamente, é a contraposição do *soft power*. Essa ideia foi moldada e reforçada através das décadas de interação coercitiva entre os Estados-nação e determinou nosso trajeto civilizatório. O *hard power* baseia-se em induções ou ameaças - seja ela militar ou econômica, mas sempre indireta ou diretamente coercitivas. O autor argumenta que é possível alguns países serem atraídos por outros graças ao mito de invencibilidade que cerca a imagem de um país que possui um *hard power* significativo, como foi o caso da União Soviética e sua influência em países menores no leste europeu (NYE, 2004).

A segunda via para se conseguir atingir os objetivos é o *soft power*. Agindo através da atração, um país pode conseguir o que deseja através de uma espécie de liderança carismática através do exemplo, onde outros países seriam atraídos por seus valores e partilhando de um objetivo, que trariam

---

<sup>5</sup> “When people define power as synonymous with the resources that produce it, they sometimes encounter the paradox that those best endowed with power do not always get the outcomes they want”. Tradução nossa

prosperidade e desenvolvimento no âmbito internacional. Esses países que cativam pela segunda via de poder precisam, argumenta Joseph Nye (2004), definir uma agenda clara e atrair outros participantes da política mundial. Ainda segundo o mesmo, "Soft power é a habilidade de moldar a preferência de outros<sup>6</sup>" (idem, *ibid.* pp. 5). Contudo, o soft power não pode ser tratado puramente como influência. Quando um país usa seu hard power - seja pelo viés econômico ou militar -, ele está exercendo influência. *Soft power* também é mais amplo do que persuasão ou o poder de argumentação que se utiliza, apesar de ser uma parte importante. De forma simples, o autor afirma que (idem, *ibid.* pp. 6)"(...) em termos comportamentais, o *soft power* é o poder de atrair. Em termos de recursos, recursos de força branda são os ativos que produzem essa atração.<sup>7</sup>".

Para definir se um agente está usando *soft* ou *hard power* é necessário verificar a gama de opções de ação para se obter determinado resultado. Apesar de ambas as formas de exercer poder estejam conectadas pelo fato delas alterarem e/ou moldarem o comportamento de outros para se alcançar uma finalidade:

A distinção entre eles é o grau, tanto na natureza do comportamento e na tangibilidade dos recursos. (...) Se sou persuadido a concordar com seus objetivos sem nenhuma ameaça explícita ou transação ocorrendo - em resumo, se meu comportamento for determinado por uma atração observável, mas intangível - o soft power está agindo<sup>8</sup>. (NYE, 2004. pp. 7)

Uma coisa que Joseph Nye deixa claro é que o soft power não é algo que o governo possa controlar a seu bel prazer, visto que para que o soft power possa ser exercido, deve haver o reconhecimento desse poder por parte dos outros países (NYE, 2004). Assim, ao ter seu poder legitimado por outros, o país em questão encontra menos adversidades para conseguir atingir seu objetivo. A principal forma de conseguir legitimação é a atração pela cultura e ideologia (idem, *ibid.*). A cultura e a ideologia de um país precisam estar

---

<sup>6</sup> "Soft power rests on the ability to shape the preferences of others". Tradução nossa.

<sup>7</sup> "(...) in behavioral terms soft power is attractive power. In terms of resources, soft-power resources are the assets that produce such attraction.". Tradução nossa.

<sup>8</sup> "The distinction between them is one of degree, both in the nature of the behavior and in the tangibility of the resources (...) If am persuaded to go along with your purposes without any explicit threat or exchange taking place-in short, if my behavior is determined by an observable but intangible attraction-soft power is at work". Tradução nossa.

alinhadas com suas ações no campo internacional para que haja legitimação por outros países.

Para uma melhor compreensão de como funciona o *soft power*, precisamos analisar os fatores que o compõe. Segundo Joseph Nye (2004. pp. 11), o *soft power* é composto de três recursos: 1) sua cultura (em lugares onde é atrativa); 2) seus valores políticos (quando praticados no cenário internacional); 3) suas políticas estrangeiras (quando elas são vistas como legítimas e possuem autoridade moral).

A cultura é definida pelo autor como “um conjunto de valores e práticas que dão sentido para a sociedade<sup>9</sup>” (idem, ibid. pp. 11). A cultura aqui retratada pelo autor é uma cultura de valores universais e não somente a alta cultura de um país como literatura, arte ou educação – consideradas aqui pertencentes a elite – ou a cultura popular – considerada aqui como entretenimento para a massa<sup>10</sup>. As políticas de um país em promover sua cultura no exterior geram relações de atração e dever em países que a compartilhem (NYE, 2004).

As políticas governamentais internas e externas, o segundo aspecto analisado por Joseph Nye, são outras fontes de *soft power*. Assim:

Políticas governamentais podem reforçar ou dilapidar o *soft power* de um país. Políticas domésticas ou estrangeiras que parecem hipócritas, arrogantes, indiferentes ou que tenham um objetivo limitado ao interesse nacional na opinião de outros poder diminuir o *soft power*. (NYE, 2004. pp. 13-14)

Por último, os valores demonstrados em seu comportamento doméstico, em instituições internacionais e em sua política internacional reforçam ou repudiam as preferências de outros países: é necessário influenciar pelo exemplo (NYE, 2004). É incompatível os Estados Unidos retirarem-se do acordo de armas nucleares assinado pelo Irã, Estados Unidos, Alemanha,

---

<sup>9</sup> “Culture is the set of values and practices that create meaning for a society”. Tradução nossa.

<sup>10</sup> Isso não significa, porém, que esses dois tipos de cultura não exercem peso quando se trata de *soft power*. Mas como ressalta Joseph Nye (2004. pp. 12) “(...) a efetividade de qualquer fonte de poder depende do contexto.”

França, China, Rússia e Reino Unido e exigirem que os outros países mantenham seu compromisso<sup>11</sup>.

Apesar do soft power depender do poder de atração que um país exerce internacionalmente, é importante salientar em que condições esse poder de atração é capaz de levar a determinados objetivos e que condições ele não é. Uma afirmação poderosa de Joseph Nye (2004. pp. 16) é "Todo o poder depende do contexto - quem se relaciona com quem e em quais circunstâncias - mas o soft power depende mais que o hard power de haver intérpretes e receptores dispostos a tal<sup>12</sup>". Sobre isso, o autor afirma que a cultura popular de um país terá mais chances de cativar e atrair pessoas e, conseqüentemente, gerar os resultados desejados, que estejam inseridas em culturas parecidas do que em países com culturas nada parecidas (NYE, 2004). Por algo intangível, a atração tende a gerar influência de forma geral ao invés de "(...) produzir uma ação específica facilmente observável<sup>13</sup>" (NYE, 2004. pp. 16). Portanto, o autor afirma que (idem, ibid. pp. 17):

(...) os efeitos indiretos da atração e uma influência difusa podem fazer uma diferença significativa na obtenção de resultados favoráveis em situações de negociação. Caso contrário, os líderes insistiriam apenas em pagamentos imediatos e reciprocidade específica, e sabemos que nem sempre é assim que eles se comportam<sup>14</sup>.

Na era da informação, a imagem de um país ou instituição é muito valiosa pois nela reside a legitimidade de seu soft power e a ferramenta que permite influenciar na imagem de um país ou instituição é a diplomacia pública (idem, ibid). Nye (2004) compartilha a definição de diplomacia pública com Edward Murrow, integrante da administração do governo de John Kennedy, ex-presidente dos Estados Unidos que define-a como "(...) interações destinadas

---

<sup>11</sup> Visto em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-anuncia-retirada-dos-eua-de-acordo-nuclear-com-o-ira.ghml>>. Acesso em 13 de Jul. 2023.

<sup>12</sup> "All power depends on context-who relates to whom under what circumstances-but soft power depends more than hard power upon the existence of willing interpreters and receivers.". Tradução nossa

<sup>13</sup> "(...) producing an easily observable specific action". Tradução nossa.

<sup>14</sup> "(...) the indirect effects of attraction and a diffuse influence can make a significant difference in obtaining favorable outcomes in bargaining situations. Otherwise leaders would insist only on immediate payoffs and specific reciprocity, and we know that is not always the way they behave."

não apenas a governos estrangeiros, mas principalmente a indivíduos e organizações não-governamentais<sup>15</sup> (idem, *ibid.* pp. 107).

### 3- ESPORTES E DIPLOMACIA

Desde tempos antigos, o esporte tem demonstrado sua importância social seja unindo uma determinada comunidade em um tema comum, ou promovendo melhor cooperação e sinergia dentro do âmbito diplomático (FEIZABADI *et al.*, 2015). No século IX a.C existia a concepção de 'verdade Olímpica' que prevalecia durante os jogos Olímpicos gregos, que consistia em uma espécie de pacto entre os participantes dos jogos que suspendiam todas as ações violentas para que a audiência e os atletas pudessem aproveitar o evento (idem, *ibid.*).

É importante ressaltar que os Jogos Olímpicos da Grécia do século IX foram criados a partir de um ato político. Por volta do ano de 884 a.C houve um tratado de paz entre três cidades: Pisa, Esparta e Elis. Esse tratado visava terminar com as disputas territoriais tão frequentes em um território politicamente fragmentado como o da Grécia (SIGOLI; JUNIOR, 2004). Segundo Sigoli e Júnior (2004, pp. 113):

A utilização política das atividades atléticas na Grécia antiga abrangia, além do uso das mesmas para a preparação militar, a realização de Jogos com o intuito de promover um relacionamento político saudável entre as cidades estado. O estabelecimento da paz sagrada, durante a realização dos Jogos Olímpicos, simbolizava o contrato entre os governos das cidades e dava um sentido de identidade entre os povos gregos.

No Império Romano, entretanto, a utilização dos jogos atléticos religiosos com a finalidade de instaurar um período de paz tem um outro significado. Os jogos ainda possuem caráter religioso e ocorrem nos dias de festas sagradas. No entanto, a pacificação pretendida era entre aristocratas e plebeus no intuito de aliviar as tensões sociais (SIGOLI; JUNIOR, 2004). Nesse

---

<sup>15</sup> "(...) interactions aimed not only at foreign governments but primarily with nongovernmental individuals and organizations". Tradução nossa.

período de grande expansão não só territorial, mas da influência política externa por parte do Império, havia displicência por parte do governo de promover certas políticas sociais para seus cidadãos que sentiam-se insatisfeitos. Temendo uma revolta generalizada, os imperadores expandiram o número de feriados, onde aconteciam eventos esportivos e pães eram dados à população, gerando a conhecida "Política do Pão e Circo" (RAMOS, 1992 *apud* SIGOLI, 2004). Mesmo que se trate de uma sociedade antiga, é possível ver paralelos entre essa política do pão e circo acontecendo nos dias de hoje quando Sigoli e Júnior (2004. Pp. 113) afirmam que:

O uso do espetáculo dos Jogos Públicos como ferramenta política dos governantes romanos é análogo à instrumentalização sofrida pelo esporte na era contemporânea, quando a mídia bombardeia os espectadores com notícias esportivas, causando um desvio na atenção e consciência das pessoas para assuntos importantes da política e do cotidiano.

Não obstante, Mahdi Feizabati (*et al.*, 2015, pp. 187) afirmam que “A relação entre esportes e diplomacia foi reforçada com o tempo, e a ‘verdade Olímpica’ continua a servir como um lembrete da importância da diplomacia do esporte através do século XX.<sup>16</sup>”. A diplomacia do esporte, por sua vez, pode ser definida como um conceito híbrido resultante do amálgama entre alguns fatores que são inerentes aos eventos esportivos internacionais. A diplomacia pública é descrita como o resultado de três componentes: 1) trocas culturais; 2) diplomacia cultural; e 3) cobertura midiática (FEIZABADI *et al.*, 2015). Assim, os eventos esportivos internacionais encaixam-se perfeitamente em todos os componentes da diplomacia pública já que quebram barreiras linguísticas e culturais, tem ampla cobertura midiática e não estão ultrapassam o alcance diplomático de organizações transnacionais (*idem*, *ibid*).

Não é a intensão deste trabalho discorrer sobre a história do esporte, mas apenas apontar momentos históricos que julgamos importantes para o objetivo geral que nos norteia. Assim, a utilização do esporte como ferramenta política na era moderna pode remontar à Revolução Industrial inglesa. A Revolução Industrial inglesa foi um movimento histórico que mudou

---

<sup>16</sup> “The relationship between sport and diplomacy has been reinforced over time, and the ‘Olympic Truth’ continues to serve as a reminder of the importance of sport diplomacy throughout the twentieth century”. Tradução nossa.

completamente os meios de produção da época pelos grandes avanços científicos, tecnológicos e econômicos observados nesse período que inicia em meados de 1760 (SIGOLI; JUNIOR, 2004).

A Revolução Industrial foi fortemente influenciada pelo iluminismo, uma corrente filosófica racionalista que florescia na época. Acompanhando esse movimento revolucionário estava o esporte inglês, que passa a ter um viés muito mais racional e sistemático, herança iluminista (idem, *ibid*). Com o êxodo rural e um crescimento habitacional urbano, SIGOLI (et al, 2004. pp. 114) afirma que "A burguesia industrial inglesa usou habilmente os princípios educativos do esporte para desenvolver junto à classe proletária valores como disciplina, hierarquia, rendimento.". Assim, os mesmos autores afirmam que (idem, *ibid*. pp. 114):

(...) O esporte atingiu na Inglaterra todos os segmentos da sociedade e teve a igreja e as escolas estatais como agentes propagadores de grande importância. As igrejas, com o objetivo de atraírem fiéis, construíram ao lado de seus templos campos de futebol, onde eram disputadas partidas após as cerimônias nos finais de semana. As escolas estatais incluíram o esporte em seus programas seguindo determinações do governo e foram importantes agentes de massificação da prática esportiva.

Além das igrejas e escolas, as fábricas também utilizaram o esporte como forma de alienação dos operários que, após o expediente aos sábados, iam em massa para estádios para assistirem aos jogos dos times da fábrica onde trabalhavam. Assim, com a propagação do esporte e o surgimento de ligas e campeonatos, surge o espectador esportivo (SIGOLI; JUNIOR, 2004). Com cada vez mais pessoas se interessando nos eventos esportivos, o interesse de cobertura jornalística nesses eventos cresce. De meras notas que informavam o resultado das partidas a criar colunas, entrevistas e seções inteiras para cobrir os esportes, a cobertura esportiva moldou o formato dos jornais, resultando no crescimento da presença do esporte no cotidiano dos indivíduos (idem, *ibid*).

No final do século XIX ocorreu um grande congresso na França que reuniu representantes de 12 países, liderado pelo Barão de Coubertin, pedagogo responsável por implementar um modelo educacional influenciado pela educação inglesa e fortemente inspirado nos antigos Jogos Olímpicos gregos, e nesse congresso foi criada o Comitê Olímpico Internacional e ficou

definida a primeira edição moderna dos Jogos Olímpicos em 1986 (SIGOLI; JUNIOR, 2004). É interessante notar que autor informa que Coubertin afirmava que (idem, ibid. pp 115):

(...) o movimento olímpico e o Comitê Olímpico Internacional eram instituições apolíticas e independentes que visavam promover o Esporte pelo mundo. No entanto, a restauração dos Jogos Olímpicos criou a idéia de representação esportiva nacional e com o passar das edições esta condição gerou um sentimento patriótico nos atletas e na população dos países participantes.

Não apenas como forma de exportação cultural, outros efeitos benignos da diplomacia que os esportes proporcionam são muito melhor observados em sociedades multiculturais. Atualmente é sabido que diversos países e blocos políticos estão observando uma das maiores crises migratórias da história. Países como a França, Alemanha e Itália recebem imigrantes e refugiados em grande volume diário, resultando em uma miscigenação cultural que alcança também a identidade nacional esportiva. Vicent Mabillard (2011) afirma que o sucesso esportivo do time alemão de futebol pode ser grandemente creditado à performance de jogadores oriundos de outros países como a Polônia, Turquia e outros. Não obstante, esses jogadores tornam-se não só bem quistos entre alemães naturais, como também inspiram jovens imigrantes que estão residindo na Alemanha (idem, ibid).

Conforme já exposto anteriormente, *soft power* pode ser resumidamente descrito como a habilidade de se conseguir atingir determinados objetivos através da atração ao invés de ações coercitivas ou pagamentos diretos. Assim, o esporte insere-se no jogo político de países como forma de promover sua herança cultural, história e demonstrar, através da conquista de medalhas ou premiações, o poderio econômico e social de seu povo e nação (MABILLARD; JADI, 20XX). Um exemplo da presença desse soft power pode ser vista nas Olimpíadas de 2008 em Beijing, na China, onde autores indicam que, ao receber os jogos olímpicos, a China ganhou grande reconhecimento internacional por sua grande civilização e desenvolvimento social (XU, 2006 *apud* MABILLARD; JÁDI, 2011). Nas competições internacionais, acredita-se que "(...) o sucesso de seleções ou atletas são geralmente interpretados como as conquistas de seu país de origem" (MABILLARD; JÁDI, 2011. Pp. 8). Outro

exemplo da afirmação anterior é a percepção internacional do Japão que em março de 2011 sofreu terríveis terremotos e tsunamis que, além de trazerem grande devastação ao país, quase provocaram uma catástrofe nuclear na Central Nuclear de Fukushima. Ao vencer o Mundial Feminino na Alemanha, demonstrou à comunidade internacional o seu poder de recuperação e força.

Entretanto, o esporte enquanto ferramenta de *soft power* pode influenciar ainda na mediação diplomática internacional. Segundo os autores (idem, ibid. pp. 10):

(...) no caso de competições internacionais organizadas por instituições supranacionais, Chefes de Estado ou Ministros tem a oportunidade de encontrarem-se em uma configuração pacífica. No entanto, os Estados podem também se utilizar do esporte para aumentar seu prestígio nacional, demonstrar sua ascensão no cenário internacional, e fazer uso do soft power para estender sua influência regional e global. De qualquer forma, uma coisa precisa ser reconhecida: o esporte pode aproximar pessoas por proporcionar a chance de um diálogo pacífico em um contexto pacífico<sup>17</sup>

Voltando um pouco no tempo, o autor aponta que a antiga União soviética fez um investimento massivo em seus sistemas educacionais e culturais, com um investimento econômico principalmente em artes com o objetivo de demonstrar a superioridade cultural do comunismo. É desde essa época que o ballet russo como as companhias Bolshoi e Kirov firmaram-se, conquistando diversos fãs principalmente nos países socialistas (idem, ibid). Sobre o esporte, a União Soviética também reconhecia sua importância e investiu pesado. Com o passar dos anos, o time olímpico soviético ganhou mais medalhas de ouro do que o time estaduniense nos Jogos de Inverno e conseguiram o segundo lugar nos Jogos de Verão. (idem, ibid). Com relação a cultura popular, entretanto, a União Soviética não teve o mesmo sucesso, visto que (NYE, 2004. pp. 74):

A natureza fechada do sistema soviético e seus constantes esforços para excluir influências culturais burguesas significavam que a União Soviética cedia a batalha pela cultura de massa, nunca competindo com a influência global americana no cinema, na televisão ou na música popular. (...) a música e os filmes americanos vazaram para a União Soviética com efeitos profundos, mas os produtos soviéticos

---

<sup>17</sup> "(...)in the case of international competitions set up by supranational organisations, Heads of State or Ministers have the opportunity to meet in a peaceful framework. However, states may also utilize sport to enhance their national prestige, demonstrate their rise on the international stage, and make use of soft power to extend their regional and gobal influence. All in all, one thing must be recognised: sport can bring people together by giving the chance for peaceful dialogue to exist in a peaceful context.". Tradução nossa.

indígenas nunca encontraram um mercado externo. Não houve um Elvis socialista<sup>18</sup>.

Principalmente sobre a disseminação da cultura popular soviética, Nye afirma que a União Soviética falhou em expandir sua atratividade e, conseqüentemente, seu *soft power*. Em uma pesquisa realizada na Europa em 1959 (idem, *ibid.* pp. 75):

32% dos italianos, 24% dos britânicos, 17% dos franceses e apenas 7% dos alemães tinham uma boa opinião sobre a URSS. (...) Em 1981, 21% dos italianos, 12% dos britânicos, 19% dos franceses e 8% dos alemães tinham uma visão favorável dos soviéticos<sup>19</sup>.

Foi somente após o fim da Guerra Fria e as posteriores mudanças políticas de Mikhail Gorbachev em 1989 que a percepção soviética mudou para melhor, visto que “65% entre os italianos, 59% entre os britânicos, 45% entre os franceses e impressionantes 71% entre os alemães<sup>20</sup>.” entrevistados esboçaram uma opinião positiva do regime.

Outro exemplo histórico foram as Olimpíadas de Berlim de 1936 na Alemanha. Essa Olimpíada é importante dentro do tema abordado nesse trabalho pois é considerada o primeiro momento da história contemporânea que o uso político do esporte foi utilizado enquanto ferramenta política de promoção cultural, onde o líder da Alemanha nazista, Adolf Hitler, tentou propagar uma imagem poderosa do país e do regime (MOSTARO, 2012).

Desde o anúncio que a Alemanha seria a anfitriã dos jogos olímpicos, o governo investiu em seus atletas para que eles se destacassem em território pátrio. Não foi à toa, o país ficou em primeiro lugar geral no ranking de medalhas de ouro. O fato da Alemanha sediar as Olimpíadas teve efeitos também em sua população, que teve nos esportes a identificação nacional que reforçava a união ideológica pré-existente, de que o povo alemão era

---

<sup>18</sup> “The closed nature of the Soviet system and its constant efforts to exclude bourgeois cultural influences meant that the Soviet Union ceded the battle for mass culture, never competing with American global influence in film, television, or popular music. (...) American music and films leaked into the Soviet Union with profound effects, but the indigenous Soviet products never found an overseas market. There was no socialist Elvis.”. Tradução nossa.

<sup>19</sup> “32 percent of Italians, 24 percent of British, 17 percent of French, and only 7 percent of Germans had a good opinion of the USSR. (...)In 1981, 21 percent ofItalians, 12 percent of British, 19 percent of French and 8 percent of Germans had a favorable view of the Soviets.”. Tradução nossa.

<sup>20</sup> “65 percent among Italians, 59 percent among British, 45 percent among French, and a remarkable 71 percent among Germans”. Tradução nossa.

descendente de uma raça forte e superior. Houve um grande investimento em propaganda e nos clubes desportivos por toda a Alemanha (idem, *ibid*).

Não distante de certos princípios nazistas, o regime fascista de Benito Mussolini também utilizou os esportes como forma de unir o povo italiano. Incentivando os jovens italianos desde cedo, a sua utilização midiática como forma de reforçar valores culturais específicos foi marcado exemplificamente com o jornal *La Gazzetta dello Sport*, um jornal esportivo de grande circulação no país. Não obstante, o governo também criou uma instituição chamada *Opera Nazionale Dolpolavoro*, que incentivava o desenvolvimento físico da população em geral através de atividades atléticas. (ARNAUD; RIORDAN, 1998).

É possível aqui apontar a ligação pretendida entre o sucesso físico e moral da população italiana nos esportes e o sucesso do regime fascista. A imagem internacional da Itália refletia o quão bem sucedido o regime fascista era. O governo usava um sistema de recompensas para os atletas que obtinham o prêmio de vencedor nas competições. Em 1932, na Olimpíada de Los Angeles a Itália ficou em segundo lugar geral. No futebol, a Itália foi campeã da Copa do Mundo de 1934 e 1938. Esse período é considerado o auge de popularidade do regime fascista italiano (idem, *ibid*).

Um ponto em comum entre os exemplos acima é que, mesmo ainda não existindo a nomenclatura '*soft power*', os governos e regimes tentaram de alguma forma ter controle sobre os fatores que o compõe. O autor afirma que que essa é uma tentativa vã pois os mesmos encontram-se fora do controle dos governos já que não é possível controlar a aceitação do público estrangeiro e os resultados desejados podem levar anos para concretizarem-se (NYE, 2004). A tentativa de controle não é algo novo, mas o momento histórico específico que vivemos é. Atualmente quase metade dos países do mundo são democracias e uma grande parcela desses países tem acesso a rede mundial de computadores.

Assim, é possível afirmar que houve diversas tentativas através da história de governos que tentaram exercer grande influência na forma que o país e seu povo são vistos pela comunidade internacional, já que as relações

entre povos, governos e regimes tem sido cada vez mais complexas e delicada. Com o advento da rede mundial de computadores, essa imagem e influência tornaram-se mais importantes do que nunca. Acreditando ter exposto o necessário para a compreensão da teoria de *soft power* no que tange os objetivos gerais e específicos da introdução

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vimos nesse trabalho que a ligação do *soft power* com o esporte remonta à tempos antigos e que essa concepção do esporte enquanto ferramenta de promoção política foi moldada com o tempo. Diversos períodos históricos requereram diferentes estratégias políticas para se alcançar determinados objetivos no complexo xadrez que o tabuleiro das relações internacionais é.

A importância do *soft power* vem sendo reforçada com a mudança socioeconômica no mundo, e o esporte tem se tornado cada vez mais uma excelente ferramenta de promoção na esfera da diplomacia pública em âmbito internacional. O modelo antigo de dominação por *hard power* tornou-se obsoleto no contexto atual. Excepcionalmente no período histórico que estamos inseridos – a era da informação em massa -, novas situações e questões que exigem outras abordagens se fazem importantes se um determinado país ou instituição supranacional desejam expandir seu horizonte de influência política.

Entretanto, vale afirmar que o *hard power* continua sendo de grande relevância no mundo em que vivemos. Pode-se dizer que não é a principal fonte de interação “diplomática” entre países – principalmente entre nações com grande poderio militar -, mas ainda há uma influência indireta e latente nas interações políticas. Após a utilização da tecnologia de fusão nuclear e a produção de bombas nucleares na Segunda Guerra Mundial, diversos países com posições culturais e políticas diferentes desenvolveram-na, tornando o conflito militar extremamente desvantajoso para qualquer um dos lados em uma eventual guerra. Quando as interações entre países começam a vislumbrar o uso do *hard power*, a diplomacia pública entra em ação – seja por

um dos lados dessa interação ou pela comunidade internacional – com o objetivo de apaziguar as tensões.

Neste cenário, o *soft power* torna-se uma das principais ferramentas nas relações entre diferentes países. Não obstante, concluímos que mais pesquisas são necessárias na área das Relações Internacionais no que concerne o estratagema político internacional e a utilização de *soft power* na promoção e liderança pacífica entre países.

## REFERÊNCIAS

ARNAUD, Pierre, RIORDAN, James. **Sport and International Politics: The Impact of Fascism and Communism on Sport**. London and New York: Spon, 1998.

BOTELHO, L.; CUNHA, C.; MACEDO, M. **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. Gestão e sociedade, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 21-136, maio-ago, 2011.

CUNHA, P. **Manual revisão bibliográfica sistemática integrativa: a pesquisa baseada em evidências**. Grupo anima educação. 2014.

FEIZABADI, Mahdi Shariati; DELGADO, Fernando; KHABIRI, Mohammad; SAJJADI, Nasrollah; ALIDOUST, Ebrahim. **Olympic Movement or Diplomatic Movement? The Role of Olympic Games on Development of International Relations**. Journal of Sports Science. vol. 3. pp. 186-194. 2015.

GARCIA, Fernanda Machado. **ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER: O FUTEBOL BRASILEIRO**. Florianópolis. 2015.

MOSTARO, Filipe. **Jogos Olímpicos de Berlim 1936: o uso do esporte para fins nadaesportivos**. LOGOS 36 Comunicação e Entretenimento: Práticas Sociais, Indústrias e Linguagens. Vol.19, Nº 01, 1º semestre 2012.

SIGOLI, M. A., DE ROSE JR., D. **A história do uso político do esporte**. R. bras. Ci e Mov. 2004.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MABILLARD, Vincent; JÁDI, Dániel. **Sports as Cultural Diplomacy How Sport Can Make a Difference in Intercultural Relations**. Outubro. 2011.

MOREIRA, W. **Revisão de literatura e desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção.** Janus. Lorena - SP. Ano 1, nº 1, 2004.

NORONHA, D.P.; FERREIRA, S.M.S.P. **Revisões de literatura.** In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B.V.; KREMER, J.M. (orgs.) Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas. 2007.

SILVA, E.; MENEZES, E. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 138 p. 2005.

SOUZA M.; SILVA, M.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, Mar. 2010.

TERENCE, A. C. F.; FILHO, E. E. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, Fortaleza: ENEGEP, 2006.

.